

O CÓDIGO
LINGÜÍSTICO
COMO SUBSTÂNCIA
DE ALGUNS
UNIVERSOS
DE DISCURSO

Maria
Aparecida
Barbosa

Two moments may be considered in the study of verbal Herances: 1) as instrument of utilitarian communication, and 2) as elements for the formation of the different universes of discourse. The linguistic code, which results from a complex elaboration of hierarchical unities, is reduced to general models which, in turn, permit it to attend to its primary functions; in it, the relevance of only some characteristics cause it to be as homogeneous as possible for the speakers, guaranteeing the efficiency of the process of communication. In the universes of discourse, their elements are redistributed, acquiring the formal status proper to each one of them, according to the patterns of expression and content peculiar to them. Although based on the same general models, their characteristics are modified by the complex implications which take for their substance the linguistics form. Thus, particular models of discourse develop their own forms and constitute themselves, simultaneously, into substance for the elaboration of sub-codes and for the structuring of their micro-universes.

On peut considérer deux moments dans l'étude des énoncés verbaux: en tant qu'instruments de la communication utilitaire et comme des éléments pour la formation de différents univers de discours.

Le code linguistique résultant d'une élaboration très complexe d'unités hiérarchisées est réduit à des modèles généraux qui lui permettent de satisfaire à ses fonctions prioritaires; dans ce code, la pertinence de quelques traitsseuls le rend suffisamment homogène pour les sujets parlants, en assurant ainsi un rendement acceptable du processus • da communication.

A l'intérieur des univers de discours, ces éléments subissent une ré-distribution et reçoivent un statut formel particulier, suivant les formes d'expression et de contenu particulières à chacun d'entr' eux. Quoique fondés sur le mime modèle général, leurs implications sont telles que les systèmes sémiotiques prennent comme substance la forme linguistique en modifient les caractéristiques. De cette façon, les modèles particuliers de discours élaborent leurs formes et deviennent ainsi, en même temps, la substance pour l'élaboration de sous-codes et la structuration de leurs micro-universes.

A **forma do universo léxico** é a substância das diferentes manifestações verbais do pensamento, em situações diversas e com finalidades que variam segundo a própria multiplicidade de contextos situacionais e operacionais. Os modelos particulares de discurso elaboram as suas próprias formas, que podem estar mais ou menos próximas do universo em que se baseiam.

Os elementos desse universo léxico, resultado de toda uma reelaboração de universos anteriores, não são utilizados, em discurso, como unidades isoladas, mas como unidades combinadas de acordo com regras estabelecidas pelo próprio código. *En effet, si le code est de nature taxinomique (ou paradigmatique), il fonctionne, pour ainsi dire, en se projetant sur l'axe horizontal (ou syntagmatique).* (Coquet 1973; 42). O universo lexical aparece, portanto, como a base do universo lingüístico, que se torna

completo quando as unidades lexicais são colocadas em combinatória de enunciado. O universo lingüístico tem como forma: o inventário lexical e as regras básicas para as possíveis combinações das unidades desse inventário, em frases-básicas. *Nul ne peut combiner (produire) un récit, constate R. Barthes (C. 2), sans se référer à un système implicite d'unités et de règles* (Barthes 19:44). O texto de Barthes, retomado por Coquet, afirma que as situações de discurso pressupõem a existência de um código, não composto apenas de inventários de classes lexicais mas também da combinatória dessas classes, de que resulta o enunciado lingüístico mínimo, para que haja uma situação de comunicação. Nesse momento, já se faz notar a superioridade do significado de um todo em relação ao significado de suas partes: *L'unité linguistique et sémantique est formée apparemment de l'addition d'unités lexicales, mais la signification de l'ensemble suppose une nouvelle évaluation des parties. Ainsi l'association de deux lexèmes (avoir — perdre) /.../, donne une forme de structure binomale, d'ordre invariable ('ai perdu) /.../ qui implique la transformation de la signification attachée à chaque élément séparé La remarque peut s'étendre à tous les phénomènes d'organisation textuelle, tant il est vrai que l'identification des unités est liée à la connaissance des modèles logiques qui les intègrent.* (Coquet 1973:28).

Entretanto, a partir desses elementos estruturais simples, é concebível a formação de sintaxias e semias as mais complexas. Essa variabilidade se deve ao fato de se ter diferentes universos de discurso, que se distinguem justamente pela forma de expressão e conteúdo pertinente a cada um deles. A base é comum a todos eles, isto é, a sua substância é única - a forma do universo lingüístico mas as diferenças se encontram nos elementos formais, tanto no plano do conteúdo quanto no da expressão, que os universos e os micro-universos selecionam e formalizam, transformando-os em modelos identificadores de cada um deles. Há, com efeito, na linguagem dois planos - o do conteúdo e o da expressão - na concepção de Hjelmslev, ambos com a sua substância e a sua forma. *On ne saurait rendre compte, même d'une façon rudimentaire, de la linguistique d'aujourd'hui - ni même, d'une façon plus générale, de la science de l'homme, dont elle fait partie - sans donner une large part à la double distinction entre forme et substance et entre contenu (signifié) et expression (signifiant)* (Hjelmslev 1971:44). Essa oposição Hjelmsleviana é fundamental para a descrição de um sistema de significação e aparece com extrema clareza nos Prolégomènes...: *Nous avons adopté les termes expression et contenu pour désigner les fonctions qui contractent la fonction en question, la fonction sémiotique; ceci est une acception purement opérationnelle et formelle et, dans cette ordre d'idées, nous ne mettons rien d'autre ni rien de plus dans les termes d'ex-*

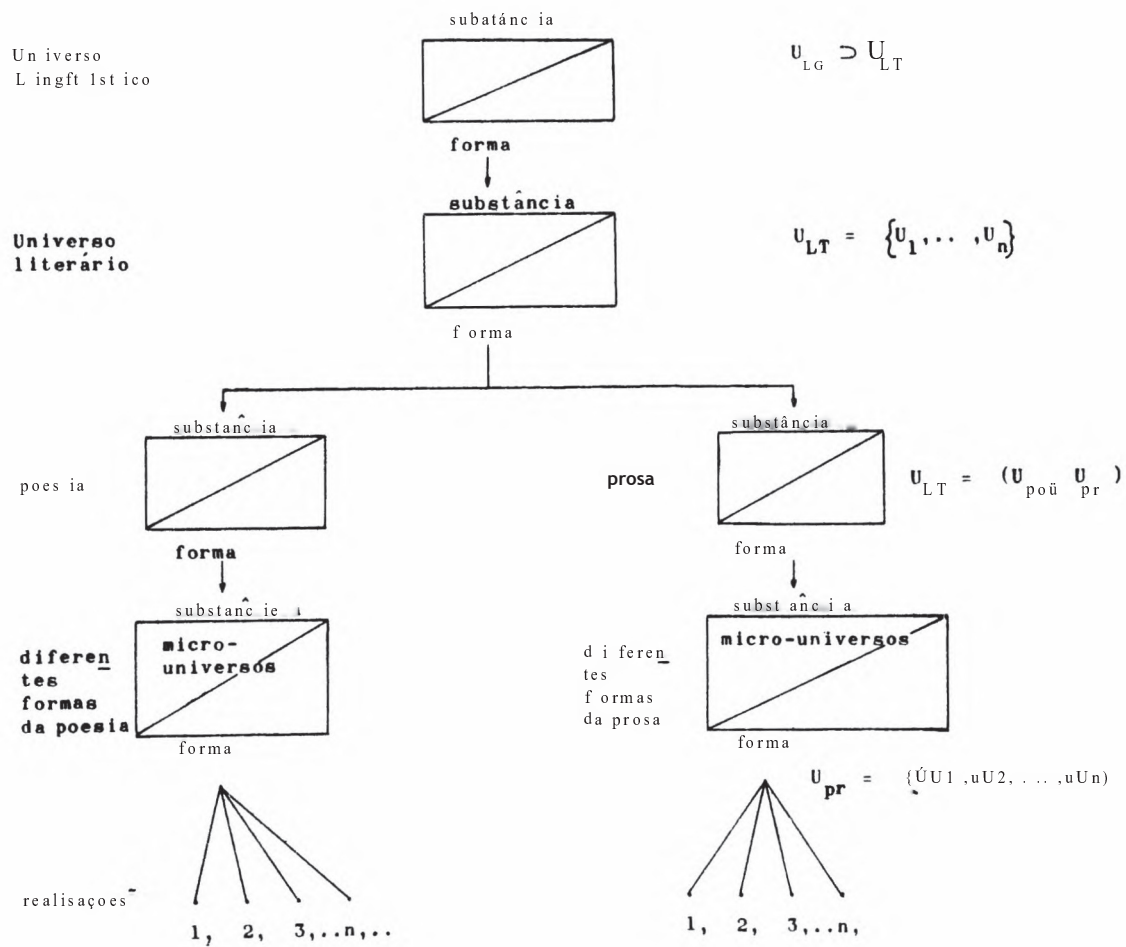
pression et de contenu. [...] La distinction entre l'expression et le contenu, et leur interaction dans la fonction sémiotiques, sont fondamentales dans la structure du langage. Tout signe, tout système de signes, tout système de figures au service des signes, toute langue enfin renferme en soi une forme de l'expression et une forme du contenu. (Hjelmslev 1971 66-7). Essa concepção teve como ponto de partida a teoria de Saussure, mais especificamente quando este autor, referindo-se à língua como pensamento organizado na matéria fônica, ressalta o postulado de que *a língua é uma forma e não uma substância.* (Saussure /s.d./: 141).

A substância de expressão e de conteúdo pode ser comum ao código lingüístico de qualquer comunidade e aos universos de discurso e micro-universos que lhe correspondem. O que distingue, no interior de um mesmo código lingüístico, os universos de discurso e os seus micro-universos, é a forma de expressão e de conteúdo, diferente e exclusiva **em** cada um deles. A forma de conteúdo e a forma de expressão fazem a individualidade de cada **modelo de discurso**, permitindo aos falantes distinguir universos que utilizam o mesmo instrumental lingüístico, mas que têm classificações diversas, segundo o uso e os particulares valores que lhe dão. *La forme, c'est l'ensemble des relations nouées par chaque élément à l'intérieur du système, et c'est cet ensemble de relations qui permet à un élément donné de remplir sa fonction linguistique.* (Cohen 1966:28).

Deduz-se, então, que há uma forma de conteúdo e expressão, que é o código lingüístico, e que este, por sua vez, será a substância de vários **universos** que chamamos **de discurso**, por serem formas de atualização do código, e que serão também, simultaneamente, substância de seus sub-códigos e de seus micro-universos. Tal proposição nos autoriza a falar em **normas de universos de discursão**, entendendo-se por isso os modelos de formas de cada universo e micro-universo; e em **realizações individuais** dessas **normas**, que prevêm variações que obedecem a modelos transformacionais. Assim, teríamos um código lingüístico, com sua substância e forma lexicais e sintático-semânticas; esse código seria a substância de universos de discurso, como o universo literário, o do discurso científico, o do discurso coloquial, etc., cada qual com sua forma de expressão e conteúdo próprias (seriam as normas de universos de discurso).

Dentre eles, por exemplo, tometnos o do discurso literário. Será a substância para a poesia ou a prosa literária (sub-classes do discurso literário), respectivamente com suas formas identificadoras. Cada autor teria a possibilidade de variações individuais, ao atualizar as formas da poesia e da prosa ,

segundo seus próprios modelos de transformação ou segundo modelos gerais. Dentro da prosa, por sua vez, poderíamos ter formas diferentes, ou micro-universos como o do conto ou o do mito, dentre outros, que também teriam suas formas de modelos disponíveis para atualização. Esquemáticamente, teríamos:



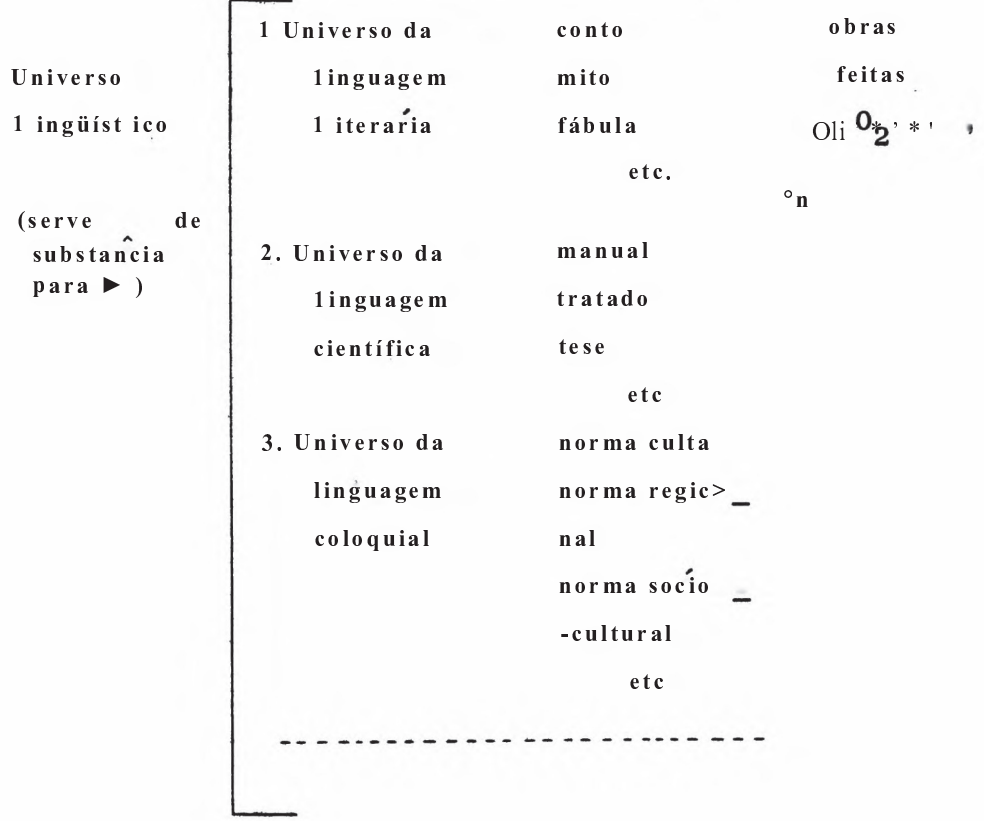
SISTEMAS



NORMAS



REALIZAÇÕES



Diferentes empregos da mesma substância criam uma estrutura formal própria e sistemas semióticos fechados, modificados de acordo com as variações e a frequência de empregos individuais, estabelecendo normas de universos, enquanto esses empregos se constituem em legítimos representantes do modelo que atualizam.

Um dos micro-universos da obra literária - o **conto** - tem, por exemplo, uma forma de conteúdo e expressão que permite uma identificação dos limites de sua estrutura semântica e de sua estrutura formal. É o que fez Propp, quando procurou dar um enfoque estrutural a suas pesquisas sobre o conto *maravilhoso*, em seu conjunto, e sobre a morfologia do conto de modo geral, propondo modelos extremamente importantes, como, por exemplo, o do caráter binário da maioria das funções. (Propp, apud Meletinski 1972). Esses estudos abriram grandes perspectivas para a análise do conto e, de maneira mais ampla, para o da arte narrativa; mostram justamente as **invariantes** ou **formas de conteúdo e de expressão** desse micro-universo do discurso literário que é o conto, bem como as suas **variantes**, que se baseiam em normas de realizações de um grupo ou de realizações individuais. *Propp partía, para el estudio de la especificidad del cuento maravilloso, del principio según el cual el estudio diacrónico (histórico-genético) debe ir precedido por una rigurosa descripción sincrónica. Y al elaborar los principios de una descripción como ésta hubo de preguntarse cómo iba a arreglárselas para lograr que apareciesen con claridad los elementos constantes (invariantes), que están siempre presentes, hasta cuando el investigador pasa de un asunto a otro. Justamente esos invariantes, descubiertos por Propp, y su correlación en la composición del cuento constituyen la estructura del cuento maravilloso. [...] Según Propp, ni los temas ni los motivos explican, pese a su carácter reiterativo, la uniformidad específica del cuento maravilloso. Por paradójico que ello pueda parecer a primera vista, sin embargo constituyen elementos cambiantes, variables del cuento. Conviene añadir que la reunión misma de los motivos dentro del asunto con mayor exactitud, su agolpamiento, su distribución depende de una estructura constante de composición, específica del cuento.* (Meletinski 1972:11-13).

Com variantes gerais ou particulares, há, como se verificou, toda uma estrutura semântica e formal que permite a identificação estrutural de um micro-universo da obra literária. O universo lingüístico toma as feições particulares e específicas e o emprego de suas formas teria um duplo significado: o significado denotativo ou conotativo das lexias combinadas em sintagmas e enunciados, e o significado que essas seqüências passam a ter nesses universos particulares como o que vimos de considerar. *El contenido*

integro de un cuento puede enunciarse en frases breves [...] Todos los predicados reflejan la estructura del cuento; todos los temas, los complementos y las demás partes del discurso definen el asunto. (Meletinski 1972: 17-18).

Um simples enunciado, que, numa linguagem coloquial, seria apenas referencial e teria a sua semia desprovida de conotações especiais, passa, no universo da obra literária, a ter significados especiais e definidores, inclusive, de uma das formas de conteúdo e expressão. Esse fato depende em grande parte da correspondência que os diferentes universos mantêm com as funções da linguagem tais como as apresentou Jakobson. *Le langage doit être étudié dans toute la variété de ses fonctions. Avant d'aborder la fonction poétique, il nous faut déterminer quelle est sa place parmi les autres fonctions du langage. [...] - con texte, destinateur, message, destinataire, contact, code. Chacun de ces six facteurs donne naissance à une fonction linguistique différente [...] l'orientation vers le contexte - bref la fonction dite dénotative [...] La fonction dite expressive ou émotive, centrée sur le destinateur [...] L'orientation vers le destinataire, la fonction correlative [...] Cette accentuation du contact - la fonction phatique [...] le discours est centré sur le code: il remplit une fonction métalinguistique [...] La visée du message en tant que tel l'accent mis sur le message pour son propre compte, est ce qui caractérise la fonction poétique du langage* (Jakobson 1963: 213-214).

Essas funções definem a pertinência de um texto a um universo coloquial, científico, literário, etc., conforme as mensagens sejam marcadamente centradas ou no E/R, ou no referencial, ou no poético, ou no metalingüístico, etc. Dissemos marcadamente centradas, porque nada impede que um determinado tipo de discurso acumule várias funções e, de modo geral, nenhum discurso deixa de apresentar uma delas. Trata-se, antes, de uma questão de dominância. O fato de uma função ser dominante num discurso, não implica, muitas vezes, na anulação de algumas outras, que também aparecem nesse mesmo discurso, embora de maneira menos intensa.

O enunciado *puramente lingüístico* pode, por exemplo, conter todas essas funções mas são, em geral, a referencial, a denotativa e a conativa as dominantes no discurso banal. Já a função poética, que, eventualmente, aparece em outros tipos de discurso que não o literário, é característica do *verso*, que implica sempre nesse tipo de função. Entretanto, o estudo lingüístico da função poética não deve limitar-se à poesia e esta não se esgota na função poética, pois os seus diferentes micro-universos (a poesia épica, a poesia lírica, etc.) implicam na participação de outras funções, que gravitam

em torno da predominante poética. A função poética não é, como dissemos, exclusividade do literário, e tampouco dos universos que têm como substância o universo lingüístico; muitos outros sistemas semióticos, não lingüísticos, também a contém: podemos falar de um cinema poético, de um teatro poético, bem como de hinos, textos religiosos poéticos. Mas é na obra literária que ela se faz mais notar.

Para Todorov, a característica mais marcante da linguagem literária seria o fato de nela as *coisas* não existirem, *les mots n'ont pas de référent (dénotatum) mais uniquement une référence qui est imaginaire. Dans le langage commun, il y a une seule référence qui est aussi bien celle de l'acte d'énonciation que celle de l'énoncé. Dans le langage poétique, ces deux références sont isolées et le lecteur doit suppléer de lui même la seconde. [...] le langage littéraire s'oppose au langage commun pour imposer la présence des choses.* (Todorov /s.d./: 117).

Por oposição, o universo lingüístico se caracteriza por ter sempre um referente semiológico com bases no universo natural, no antro-po-cultural, estruturados no semémico, e tanto sua substância como sua forma de expressão e conteúdo têm um caráter geral, seja denotativo ou conotativo, e poderão ser o instrumento de vários outros códigos. O universo literário anula, por assim dizer, todo o referencial próprio ao universo lingüístico, comutando-o com um que só existe para a sua estrutura. Esse referencial só terá valor e funções dentro desse universo literário. Por outro lado, a *língua* (langue) da narrativa não é a língua (langue) da linguagem articulada — embora freqüentemente sustentada por ela -, as unidades narrativas serão substancialmente independentes das unidades lingüísticas: elas poderão certamente coincidir, mas por acaso, não sistematicamente. (Barthes 1971: 29-30).

O enunciado simples serve de instrumento para que se realize o ato mínimo de comunicação, finalidade principal da linguagem natural. Com toda a complexidade da estruturação do universo lexical e das leis combinatórias que permitem a distribuição das lexias no enunciado simples e, posteriormente, no enunciado complexo, o código lingüístico ainda se nos apresenta bastante simples diante da multiplicidade dos fatos implicados na **grande frase**, que é a narrativa literária.

O código lingüístico é, sem dúvida, o ponto de partida para o grande signo que é o discurso poético ou a narrativa literária. Embora composta de frase lingüísticas, deve a narrativa literária ser organizada e estudada num plano que as ultrapassa. Isso nos autoriza a dizer que estamos

diante de uma hierarquia de signos, unidades dotadas de um significante e de um significado, que começa nos morfemas (signos mínimos), passa pelo enunciado simples (o grande signo lingüístico) e chega ao mínimo de modelo de discurso narrativo (o grande signo poético). *Un texte poétique quelconque se présente comme un enchaînement syntagmatique de signes /.../ Les signes, définis selon la tradition Saussurienne par la réunion d'un signifiant et d'un signifié, peuvent être de dimensions inégales: un mot, une phrase sont des signes, mais aussi un discours dans la mesure où il se manifeste comme une Unité discrète Dans une première approche, le discours poétique peut être considéré comme un signe complexe /.../ La décomposition du signe qu'est le discours poétique met en place les articulations parallèles du signifiant et du signifié: nous dirons que le signifiant y est présent comme niveau prosodique du discours et le signifié, comme son niveau Syntaxique.* (Greimas 1972: 10-11).

Um enunciado do discurso narrativo pode coincidir com um enunciado lingüístico, mas, freqüentemente, é necessária uma seqüência de vários enunciados lingüísticos para que tenhamos uma frase, um grande signo da obra literária. Uma narrativa literária será, então, nlo o resultado de vários enunciados lingüísticos, mas sim de vários grandes signos narrativos, que comportam, raramente, um, e, na maioria das vezes, uma multiplicidade de signos lingüísticos. Há, então, dois momentos diferentes, no estudo do enunciados: enquanto instrumento de comunicação do discurso coloquial (enunciado lingüístico), e como base para a formação dos enunciados narrativos. O primeiro comporta unidades que só têm um significado, se puderem ser integradas em um nível superior e manter essa integração sintático-semântica com todas as outras unidades do enunciado. ... *dans un univers sémantique quelconque, rempli d'innombrables objets potentiels que sont les lexèmes, seuls compteront et seront pris en considération les lexèmes qui pourront être inscrits sur l'axe syntaxique*

sujet *• objet

car seul le réseau syntaxique sous-jacent est susceptible de sélectionner les lexèmes pour en extraire les valeurs, en transformant en même temps la manifestation logomachique en une organisation discursive du sens. (Greimas 1973:).

O segundo, partindo do primeiro, tem também níveis de estruturação, numa organização semelhante à do modelo que lhe serviu de base, porém com implicações muito mais complexas. Por mais variáveis que sejam

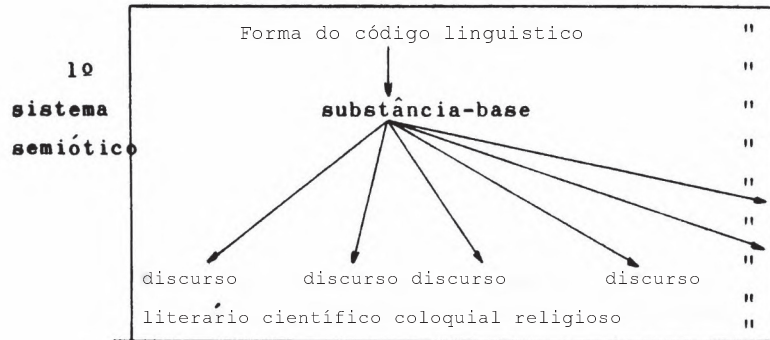
as teorias a esse respeito, não há dúvida de que a narrativa é uma série de instâncias, como diz Barthes: ... a narrativa é uma grande frase, como toda frase constativa, é de certa maneira o esboço de uma pequena narrativa /.../ a literatura, singularmente hoje em dia, não cria uma linguagem das próprias condições da linguagem? /.../ Propõem-se distinguir na obra narrativa três níveis de descrição /.../ Será bom lembrar que estes três níveis estão ligados entre si segundo um modo de intergração progressiva. (Barthes 1971: 24-27).

Como se vê, o código lingüístico é o instrumento com o qual a obra literária se organiza, é o seu ponto de partida; mas uma vez na obra literária, os enunciados sofrem transformações que não permitem que os mesmos métodos de análise, de interpretação sintáxico-semântica, sejam aplicados indiscriminadamente num e outro caso. É por essa razão que os teóricos da lingüística trans-frástica, dentre eles Coquet, propõem, para uma gramática do discurso poético, modelos lógicos, que não só conduzam à leitura do texto analisado, como também levem à elaboração de uma tipologia do discurso poético, sem que para isso se despreze o texto manifestado. Naturalmente, os métodos puramente lingüísticos não esgotam os dois campos; é preciso, pois, que as razões da-estruturação do código lingüístico e da obra literária sejam esclarecidas e estudadas por duas disciplinas diferentes, nos métodos e objetivos: a lingüística do código lingüístico e a lingüística da narrativa literária. *Lire un texte est une opération qui présuppose la délimitation de n champs de validité. Une lecture totale est utopique Le principe d'équivalence est opératoire lorsqu'il s'agit de constituer des modèles de surface (linguistique de la phrase). L'analiste change de plan s'il veut décrire les structures de discours. De nouvelles procédures sont dors nécessaires et avec elles d'autres articulations logiques et sémantiques et d'autres modèles (linguistique du discours).* (Coquet 1973-113).

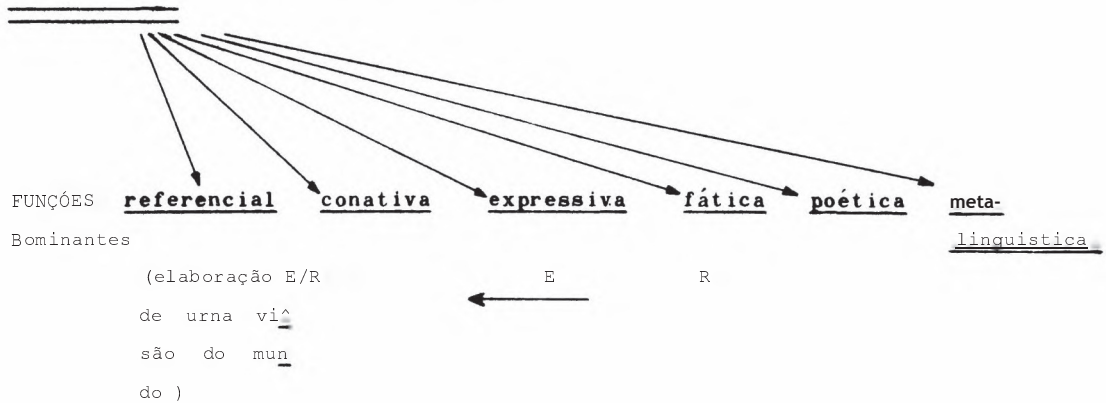
Isso não acontece apenas com a narrativa literária, mas com todos os universos semióticos que fazem do código lingüístico o seu ponto de partida. Como se vê, a linguagem vai sendo organizada e trabalhada diferentemente pela multiplicidade de discursos que dela se utilizam. Por esse motivo, a linguagem vai assumindo funções (Jakobson) diferentes, conforme a forma de expressão e de conteúdo do universo que dela faz sua base.

O universo musical, por exemplo, contém uma das funções que a linguagem articulada pode ter — a poética. O elemento poético aí aparece mas a substância para a sua forma de expressão e conteúdo não é a forma do código lingüístico. Se este código é a substância de vários universos semióticos,

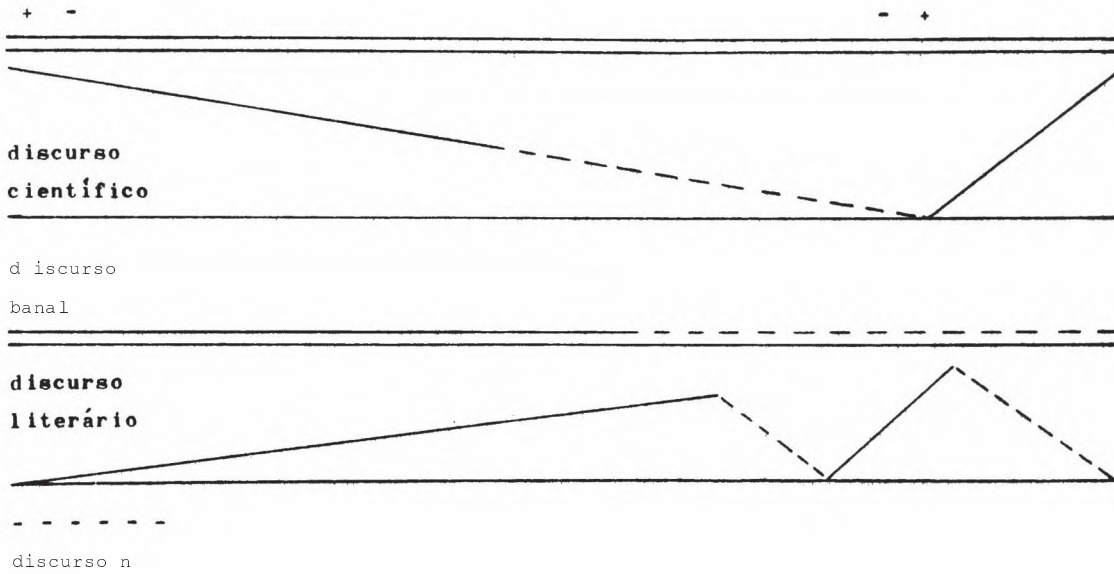
certamente não o é para muitos outros, como a música, a pintura, a arquitetura, etc., que terão, respectivamente, como substâncias, as vibrações sonoras (dentre outras), as cores e as formas (dentre outras), as dimensões e as proporções (dentre outras). Isso nos leva a dividir os sistemas semióticos em dois tipos: os que fazem do código lingüístico a sua substância, e os que empregam substâncias diferentes, conforme a natureza dos seus elementos.



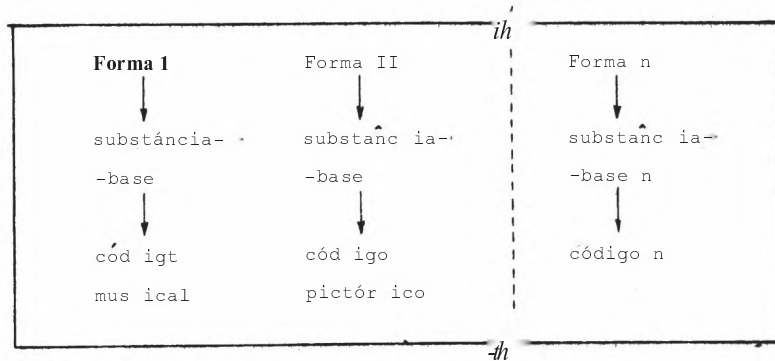
CÓDIGO - disponível para todas
 ----- as categorias de discursos



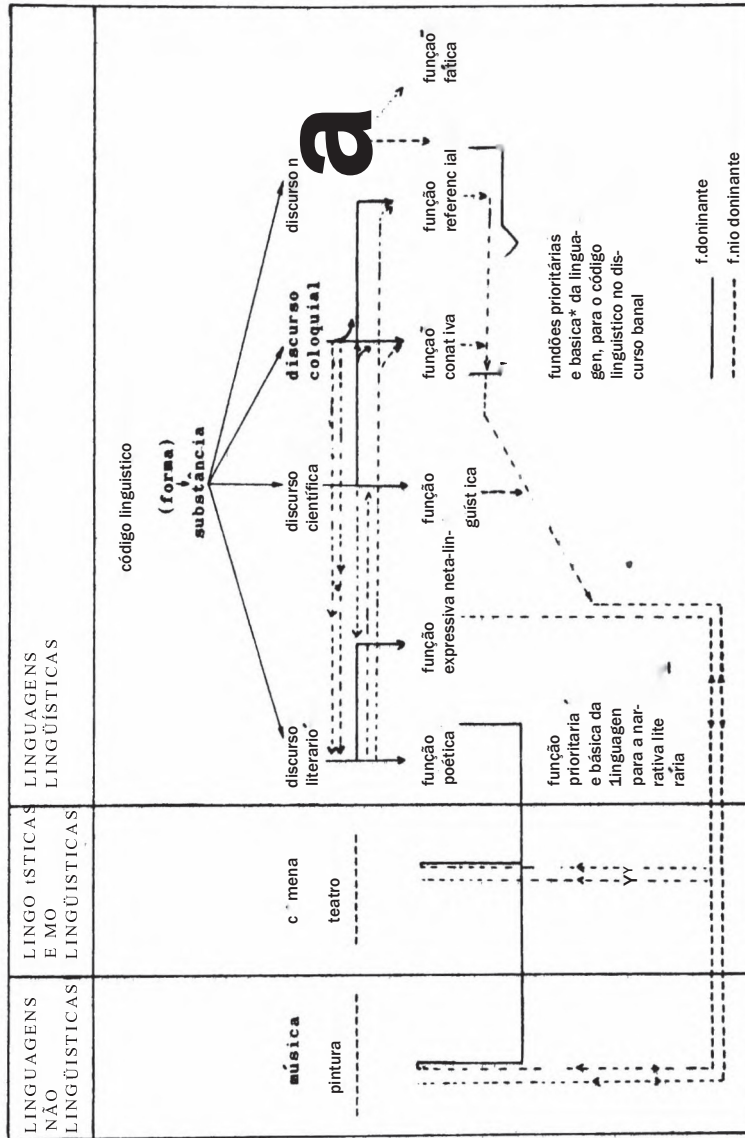
EIXO DE
DOMINANCIA



20
s istema
semiót ico



O código lingüístico é reduzido, simplificado e elaborado em modelos gerais, a fim de que possa atender às suas funções prioritárias: a de ser forma do universo **referencial** (antropo-cultural) e do universo **coloquial**, donde suas funções básicas da linguagem: de um lado, a função denotativa, cognitiva, referencial; de outro, a de instrumento de comunicação. Nesse código, só têm pertinência certos traços da linguagem, para que ela seja o tanto quanto possível, homogênea e lógica para todos os falantes, procurando assegurar o melhor rendimento do complexo processo da comunicação. Todos os universos de discurso que pertencem a um sistema semiótico que têm por substância o código lingüístico, modificam-lhe as características e a importância relativa das funções primordiais, moldando-o conforme as suas próprias necessidades. ... *a lingüística procede freqüentemente por redução [...]/ os traços menosprezados são talvez precisamente aqueles que têm a maior importância num outro sistema semiótico*, afirma Todorov (1970:54). Todas essas considerações poderiam ser assim esquematizadas:



BIBLIOGRAFIA

- Barthes, Roland
1971 Introdução à análise estrutural da narrativa, in: Análise estrutural da narrativa. Trad. de M.Z. Barbosa Pinto, Petrópolis, Vozes.
- Cohen, J.
1966 Structure du langage poétique. Paris, Flammarion.
- Coquet, Jean-Claude
1973 Sémiotique littéraire. Paris, Marne.
- Greimas, Algirdas Julien
1972 Pour une théorie du discours poétique (Introduction) in: Essais desémio-
tique poétique. Paris, Larousse.
- Greimas, Algirdas Julien
1973 Un problème de sémiotique narrative: les objets de valeur, in:Langages, 31.
- Hjelmslev, Louis
1971 La stratification du langage, in: Essais Linguistique. Paris, Les Editions
de Minuit.
- Hjelmslev, Louis
1971 Prolégomènes à une théorie du langage. Nouvelle édition traduit du
danois para Una Conger avec la collaboration d'Annik Vewer. Paris,
Les Editions de Minuit.
- Jakobson, Roman^A
1963 Linguistique et poétique, in: Essais de Linguistique Générale. Trad.
de l'anglais et préfacé par N. Ruwet. Paris, Les Editions de Minuit.
- Meletinski, E.
1972 Estudio estructural y tipológico del cuento. Trad. de Hugo Acevedo.
Buenos Aires, Rodolfo Alonso Editor.
- Saussure, Ferdinand de
Curso de Lingüística Geral. Trad. de A. Chelini, J.P. Pais e I. Blikstein,
2ª ed. São Paulo, Cultrix.
- Todorov, Tzvetan
Littérature et signification, Paris, Larousse.
- Todorov, T.
1970 As estruturas narrativas. Trad. de Leyla Perrone Moysés. São Paulo,
Perspectiva.

MARIA APARECIDA BARBOSA - Mestre em Letras e Doutora em Letras (área de
Lingüística) pela Universidade de São Paulo; Pro-
fessora de Lingüística e Semiótica do Departamen-
to de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras
e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo,
Professora de Pós-graduação e Especialização (área
de Semiótica e Lingüística), da FFCL "Barão de
Mauá", de Ribeirão Preto.